

Civilizações são *instrumentos* utilizados pela Vida para transpor planaltos de consciência progressivamente mais elevados, tal como os nossos corpos físicos são veículos de ascensão da própria natureza universal.

Uma civilização é afinal um sistema *tractor* da consciência colectiva. Quanto mais permeável for uma civilização à Luz que emana do centro absoluto do cosmos, (Luz que algumas culturas designam como *divina*) mais irradiará clareza, limpidez e serenidade acompanhada por uma percepção lúcida, sobre a morte.

Como se disse existe uma relação íntima entre a compreensão que uma cultura tem da Vida, a leitura do mundo que uma civilização faz e a forma como se relaciona com a morte. Quanto mais ampla é a visão da Vida que uma civilização tem, mais tranquila, competente e sublime é a percepção que essa civilização transmite aos seres no momento do desenlace físico.

Quanto mais profundo, penetrante e vasto é o olhar daqueles que procura conhecer o mundo e, por extensão o olhar da civilização em que se inserem, mais sublime será a sua concepção da morte. Quanto mais bela é a concepção da vida mais bela é a concepção da morte, quanto mais bela for a concepção da morte mais bela e insondável será a relação com a vida.

Se observarmos a forma como os Tuaregues, os Lapões ou os índios Sioux vivem, podemos intuir a forma como morrem.

Existe uma passagem contínua, em termos de consciência, entre a forma como esses seres vivem e a forma como naturalmente se deixam *traccionar* para as dimensões superiores. São culturas que mantêm *vivo* um fio da **Tradição Primordial**,

entendida no sentido ortodoxo de conexão com o princípio generativo do cosmos: Deus.

Tradição, no sentido ortodoxo, significa o respeito, o cultivo e a transmissão de um conjunto de factos ocultos colocados misteriosamente no berço da civilização, no centro mesmo de uma civilização, *algo* como um fogo, recebido no momento de *fundação*, respeitado e delegado cuidadosamente ao longo dos ciclos de desenvolvimento e amadurecimento dessa civilização: a revelação real e o mito simbólico que sustenta a *razão de ser* e o motivo condutor invisível de uma cultura, ou conjunto de culturas.

Todos estes povos têm uma forma de compreender o Universo que não entra em fricção com a forma com que se deixam naturalmente transplantar para as dimensões superiores da vida, quando o momento, superiormente ordenado, chega.

Para os índios Hopi, por exemplo, a concepção de *aqui* inclui tudo o que vêem no horizonte num ângulo de 360° e a concepção de *agora* vai desde o bisavô ao bisneto, é um agora interdimensional.

Para um Europeu contemporâneo *aqui* significa o seu bairro e *agora* implica um período de 45 minutos, aproximadamente.

Para um Norte Americano *aqui* é o quarto onde ele momentaneamente se encontra e *agora* são os minutos imediatos.

Isto significa que o foco da consciência, entendendo a consciência como um círculo que abrange o espaço e o tempo, foi perdendo *raio*, foi-se fechando, as pessoas tornaram-se extremamente eficazes e eficientes em extensões de espaço e de

tempo progressivamente mais curtas.

A eficácia e o pragmatismo efectivamente estão presentes, o que se perdeu foi a *abrangência* da consciência.

Estes modos culturais, Europeus e Americanos, são extremamente eficazes no *aqui* e *agora* a que se propõem, imediato. No entanto se alguém for vítima de violência na rua, do ponto de vista *Americano*, não foi no seu **aqui**, a sua consciência, que avança pela validação sucessiva de curtos segmentos, não inclui o que está fora dessa concepção de *aqui* e *agora*, levando a uma espécie de miopia da consciência. Para ele, **aqui** é o seu apartamento e as obras de design que mobilam o seu espaço, não a violência na rua, 50 metros mais abaixo.

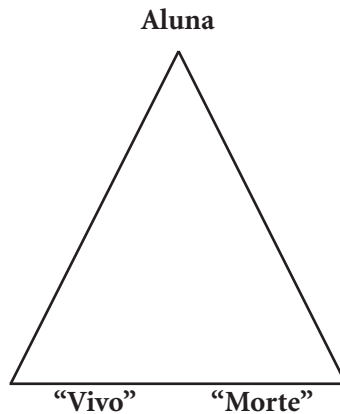
Enquanto que nos *povos tradicionais* a concepção de *aqui* e *agora* é vasta e articulada, dependendo de uma concepção esotérica da realidade; no homem contemporâneo a concepção de *aqui* e *agora* contraiu-se até ficar limitada ao **ego pessoal**. Assim ele vive como se não fosse morrer porque o agora que inclui na sua consciência são apenas três ou quatro minutos.

Existe uma equação da consciência que os sistemas directores da nossa civilização esqueceram: a capacidade de expandir o *aqui* e *agora*, dilatando-o para além do momento que vivemos, tanto para o passado como para o futuro, uma concepção do mundo que transcende o ego e o seu imediatismo neurótico.

Existem, hoje, povos que transcenderam a dualidade aparente entre *morte* e *vida*. Os **Kogi**, indígenas dos planaltos centrais da Colômbia, na zona de Sierra Nevada de Santa Marta, com uma população de 20.000, afirmam viver no *mundo interno* de **Aluna**, testemunhando que o nosso mundo é apenas uma sombra incompleta e vaga desse mundo sublime. Comunicam

telepaticamente entre si e os seus *shamans*, os *mahmás*, são escolhidos desde a infância, vivendo em grutas até aos nove anos de idade, onde aprendem a existir nos dois mundos, Aluna e o nosso, simultaneamente. Os Kogi nunca foram conquistados pelos es-panhóis, não existe um único caso de homicídio entre este povo, jamais atacaram tribos vizinhas e concebem a vida e a morte como idênticos, pois a realidade está em Aluna, o mundo interno perdido, onde vivem eternamente, e cujo contacto não depende de se estar “vivo” ou “morto”.

Na verdade, na linguagem Kogi não existem esses dois conceitos. Não distinguem entre estar “vivo” no nosso mundo,



Um povo que vive em um estado amplificado de consciência, relativamente ao mundo e à concepção da vida, sempre vive e actua ciente de que a morte está presente como um aspecto da existência, entrelaçada e intimamente conectada com o processo da vida, os seus actos são saturados de uma reverência e compreensão da fragilidade do ser tridimensional. Não é a vida *aqui*, ou a vida *além* que conta, mas a Vida num sentido superior, que transcende o véu entre o nosso mundo e os planos pós-

morte.

Nesse sentido podemos, por exemplo, ensinar aos Kogi como se fabrica um motor binário, para um automóvel, mas este povo teria tudo a nos ensinar sobre a arte de transcender a vida física em paz, alegria, expansão e serenidade.

Os Kogi parecem querer dizer-nos que podemos eliminar a noção opaca e terminal de *morte*, ainda em *vida*, simplesmente pelo processo espiritual de vivermos num terceiro estado que transcende ambos.



É interessante observar que há alguns anos atrás morria-se em casa e o corpo não era imediatamente escondido ou processado sanitariamente.

Mesmo no Ocidente, a família participava do processo de traslado do corpo do sítio de onde tinha sido desactivado para o sítio onde iria ser entregue aos **reservatórios planetários de matéria atómica**.

Havia uma relação mais *quente* e próxima com o processo de morte: da mesma forma que se nascia em casa, morria-se em casa. Os jovens, as crianças, tinham uma assimilação directa do factor *morte*. Existia uma participação deste ritual *in communitas*.

Actualmente 80% das pessoas são elevadas para as dimensões superiores da existência em instituições de saúde, asilos e casas de repouso, ambientes que apenas podem assegurar cuidados físicos e uma relativamente limitada compreensão do processo técnico de desenlace, normalmente matizada por superstições populares

e dogmatismo religioso, ambos anacrônicos.

Entretanto, no nível dos *serviços* que podem ser adquiridos comercialmente, surgiram curiosos *especialistas* em tratar de cadáveres, de forma que a família é dispensada de se ocupar do corpo do morto, especialistas que cumprem um programa burocrático mas cuja compreensão do acto de transcender está muito aquém do nível dos *povos tradicionais*; dito de outra forma, *pagamos* para sermos colocados a uma distância confortável deste facto absolutamente essencial que é o *cadáver*, evitamos ansiosamente a assimilação telepática e a proximidade com o ser que está superando a nossa dimensão.

A forma como os *mass-média* tratam a morte contribui para forjar esta relação restrita, desconfortável e distante com esse processo ritual humano.

No cinema, na televisão, na cultura de massas tudo o que remete para a morte confunde-se com o conceito contraditório de extinção da existência, fim do ser, fim da festa da vida.

Além disso, no cinema, a morte é dramaticamente apresentada como um episódio violento, doloroso, artificial e aniquilador, num contexto homicida, como uma suprema humilhação, o que contribui de forma desastrosa para poluir o simples e belo conceito de *transição entre dimensões*.

Poucos homens concebem e reflectem com serenidade sobre a morte natural, um simples expirar para além da nossa dimensão, o atravessar de um umbral entre dois espaços do Ser, sem drama nem histeria emocional, excepto, eventualmente, as raras pessoas que têm intimidade com esse processo.

O vácuo que existe entre o consciente da Humanidade e o

processo da morte, esta fria distância conceptual, é absolutamente equivalente à distância que temos em relação à nossa própria essência durante a vida.

A incapacidade de ficar sereno, em paz, em compaixão perante a morte reflecte a dificuldade de comunicação connosco mesmos em níveis profundos. Existe uma incomunicação interna essencial entre o **eu consciente** e os seus *níveis psíquicos*, a parte da Alma que se liga a esta dimensão, mas que a transcende um poder de inclusividade e *status* ontológico.

Existe uma ruptura dos canais de comunicação entre o consciente e a Alma, pandemicamente instalada na Humanidade.

Num momento em que a lei cósmica nos pede claramente para distinguir o que é forma e o que é conteúdo, não somos capazes de os separar, porque não temos o hábito de ir ao encontro do nosso próprio *conteúdo*, vivemos identificados, em excesso, com o nível da *forma*. Assim, no momento da morte, para uma consciência despreparada o corpo, *forma inerte*, é tudo o que restou da pessoa amada, de uma parte querida do nosso quotidiano.

Por condicionamento cultural, uma vasta parte do nosso córtex está *envenenada* com uma ideia de morte pobre, supersticiosa, infantil.

A nossa arquitectura cerebral, de *flashes* luminosos, que compõem as funções mentais, é obrigada, por imposição cultural inconsciente, a suportar muitas falsidades que enchem o nosso pensamento de ruídos supérfluos, entre estes a *ideia de morte* é dos pensamentos mais venenosos que o nosso cérebro tem de suportar toda a vida, venenoso porque, simplesmente, *falso*.

A forma como a morte é assimilada na nossa cultura, transmitida e cultivada entre gerações, por mais cosmética espiritual que seja colocada em torno do facto, no nível pragmático do compromisso de um Ser para com aquilo que ele considera *real*, ainda se encontra no nível da *aparência física*, da forma corpórea, do veículo de manifestação externo.

Neste sentido, todo o trabalho de formação dos *futuros facilitadores* da transição entre dimensões começaria por um compromisso de amor entre a **consciência tridimensional** e o centro irradiante do ser, a **Mónada**, num ajuste espiritual além da mente, da complexidade semântica e do dogma.

A capacidade de *casar* mundos, de *unir* esferas, de *criar pontes*, está na base da eliminação do medo e de uma futura compreensão profunda do processo de desenlace a que ainda chamamos *morrer*.

Enquanto os mundos são vistos como separados – enquanto o mundo superior, as plataformas de vida espiritual, as grandes paisagens de Luz onde as Almas se deslocam, livres como pássaros – enquanto esta esfera for vista como separada da esfera do quotidiano, esta nossa concepção, separada, cria um espaço intermediário automaticamente ocupado pelo medo.

E o ego é o núcleo que, por definição, *separa* as esferas para poder tomar decisões imediatas, inibindo, por necessidade e urgência, o ser psíquico, o núcleo em nós que *une* as esferas, Céu e Terra.

Sempre que criamos um hiato, uma separação, criamos um território propício ao alojamento do medo, pois o medo alimenta-se de *incomunicação* enquanto o calor realmente humano é o *agente* de comunicação entre os mundos.